



Vivendo à margem da lei: histórias de brasileiros em situação irregular no contexto europeu

Living on the fringes of the law: stories of Brazilians in an irregular situation in the European context

Glaucia Muniz Proença Lara

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
gmplara@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3813-1850>

Resumo: O presente artigo examina e compara, à luz da Análise do Discurso Francesa (ADF), quatro narrativas de vida – coletadas por meio de entrevistas – de migrantes brasileiros que vivem em situação irregular na França ou na Inglaterra. O principal objetivo é apreender as representações discursivas de si, dos outros, do mundo que tais sujeitos constroem nas ditas narrativas e, ao mesmo tempo, verificar se e como a situação de irregularidade afeta seu cotidiano no novo país. Para analisar e cotejar essas quatro histórias, foram utilizadas categorias que integram a Semântica Global de Maingueneau (2005): temas, vocabulário, dêixis enunciativa e modo de enunciação. Se os resultados obtidos revelam diferenças na forma de contar e avaliar a experiência migratória, eles permitem também apreender aspectos comuns, tais como a motivação prioritariamente econômica para a migração, as dificuldades (culturais, linguísticas etc.) enfrentadas, sobretudo por ocasião da chegada ao país de destino, e as condições precárias de trabalho a que os migrantes brasileiros se submetem por estarem em situação irregular. Embora dois dos sujeitos entrevistados tenham preferido silenciar sobre essa questão, suas opiniões podem ser recuperadas nas entrelinhas do discurso.

Palavras-chave: migração; brasileiros; Europa; situação irregular; narrativas de vida.

Abstract: This paper examines and compares, in the light of French Discourse Analysis, four life stories – collected through interviews – that were produced by Brazilian migrants that live illegally in France or in England. The main objective is to find out the discursive representations (of themselves, of the others, of the world) constructed by such individuals in their narratives and, at the same time, verify if and how their irregular situation interferes with their routine in the new country. In order to analyze

and compare the four stories, some categories that integrate Maingueneau's Global Semantics (2005) were used: themes, vocabulary, enunciative deixis and enunciation mode. If the results reveal differences in the way of telling and evaluating the migratory experience, they also allow us to apprehend similarities, such as the primarily economic motivation to migrate, the difficulties (cultural, linguistic etc.) faced especially when arriving in the destination country and the precarious working conditions to which Brazilian migrants are submitted due to being in an irregular situation. Even though two of the interviewed subjects have preferred to be silent on this issue, their opinions can be implicitly identified.

Keywords: migration; Brazilians; Europe; irregular situation; life stories.

Recebido em 26 de outubro de 2020

Aceito em 23 de dezembro de 2020

1 Problematização

O que leva alguns brasileiros a deixar seu país natal, onde, pelo menos em tese, gozam de plenos direitos como cidadãos, para viver à margem da lei num país estrangeiro? Buscando responder a essa pergunta, selecionamos, entre 30 narrativas de vida que foram coletadas ao longo de uma pesquisa maior com migrantes¹ brasileiros que vivem atualmente na Europa, quatro narrativas de sujeitos que, apesar de residirem e trabalharem na França ou na Inglaterra, não têm autorização de permanência nesses países.² Suas histórias, assim como as dos demais participantes da pesquisa, foram obtidas por meio de entrevistas que eles

¹ A exemplo da posição que assumimos em trabalhos mais recentes (ver LARA, 2019), utilizaremos, neste artigo, migração (e seu correlato migrante) por se tratar de um termo relativamente neutro, que descreve simplesmente um processo de mobilidade (cf. CALABRESE; VENIARD, 2018, p. 11). Manteremos, porém, imigrante/imigração (ou emigrante/emigração) em citações de textos que empregam tais termos.

² A referida pesquisa (pós-doutorado): "Emigrantes brasileiros no contexto europeu" foi desenvolvida de agosto de 2019 a julho de 2020, no LAEL/PUC-SP, com a supervisão da Prof^a Beth Brait. No período de outubro de 2019 a março de 2020 (seis meses), contamos com uma bolsa de Professor Visitante Sênior (PRINT-CAPES/UFMG) na França, com a (co)supervisão do Prof. Dominique Ducard (Université Paris-Est Créteil – UPEC). A pesquisa incluiu França, Inglaterra e Portugal. Não encontramos, porém, migrantes em situação irregular nesse último país.

nos concederam e nos autorizaram a utilizar em publicações e eventos, desde que fosse mantido o anonimato e eliminado qualquer dado que pudesse levar à sua identificação.³

Antes, porém, de apresentar e analisar as quatro narrativas de vida selecionadas, julgamos oportuno discutir questões referentes à terminologia utilizada correntemente para designar tais migrantes (aqueles que não dispõem de visto de permanência), bem como à realidade vivenciada por esses sujeitos no país de chegada, em decorrência, sobretudo, dessa condição de irregularidade. Para tanto, apoiamo-nos na ampla literatura que existe atualmente sobre essa temática em domínios como o dos Direitos Humanos e o do Multiculturalismo, fazendo-os “dialogar” com a Análise do Discurso francesa (ADF) – nossa teoria de base –, dado o caráter constitutivamente interdisciplinar que perpassa a ADF.

2 Em busca da definição de termos e de categorias

Falar dos fluxos migratórios contemporâneos é sempre um desafio. Além de se tratar de um tema sensível, o(a) analista se depara com uma profusão de termos para designar os sujeitos deslocados ou em deslocamento: (i)migrantes, refugiados, solicitantes de asilo, clandestinos, sem documento, apátridas... (CLOCHARD, 2007; BLANCHARD *et al.*, 2016), que, a rigor, implicam estatutos e direitos distintos, revelando uma multiplicidade de situações que impactam diretamente as condições de vida de cada uma dessas categorias no novo país.

Sem ter a pretensão de deslindar essa “trama designativa”, voltaremos nosso olhar para o que se costuma chamar de “migração clandestina” ou “migração sem documentos”. Bartram *et al.* (2014, p. 144) definem *undocumented (illegal) migration* (“migração (ilegal) sem documentos”) como “o resultado de uma entrada clandestina ou, mais comumente, de [o sujeito] ultrapassar o tempo de permanência do seu visto e/ou engajar-se em atividades (por exemplo, emprego) não autorizadas pelo seu visto”.⁴

³ Esclarecemos que todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), conforme orientações do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa)/UFMG.

⁴ Tradução livre de: “[...] it results from clandestine entry or (more commonly) from overstaying one’s visa and/or engaging in activities (e.g. employment) not authorized by one’s visa.”

Os autores ressaltam que a forma como a expressão “imigração ilegal” circula na maioria dos debates públicos (por exemplo, no meio político e na instância midiática) é inadequada, pois se refere àqueles que entram/permanecem sem autorização num país estrangeiro como criminosos, ainda que eles constituam uma importante parcela do mercado de trabalho e da economia informal. Diante disso, atribui-se ao governo a responsabilidade de fazer algo para enfrentar a “ameaça” que tais indivíduos representam: seja no que diz respeito aos danos que eles alegadamente trazem para a segurança ou para a identidade nacional, seja pelo que significam em termos de perda de controle do Estado sobre suas fronteiras, entre outros problemas.

Nesse cenário, uma das principais dificuldades que surgem relaciona-se ao uso da terminologia. Se os governantes e certos grupos contentam-se com “imigração ilegal”, parcialmente porque tal termo legitima a lei e a ordem que esses grupos representam, outros julgam inaceitável descrever as pessoas como ilegais. Um termo alternativo seria *undocumented immigration* (“imigração sem documentos”), sugerindo que alguns imigrantes apenas não dispõem de todos os documentos exigidos para uma autorização legal de permanência (BARTRAM *et al.*, 2014, p. 145).

Nessa mesma direção, mas agora no contexto francês, Blanchard *et al.* (2016, p. 44) pontuam que o que se entende por imigração clandestina é tanto a entrada ilegal de um estrangeiro num dado país, quanto o fato de as pessoas se tornarem ilegais como resultado de uma recusa em partir, mesmo diante da não renovação de um visto ou da não obtenção de uma posição favorável relativa a um pedido de asilo. Explicam, porém, que o fato de tais sujeitos serem chamados, frequentemente, de *sans papiers* não significa que eles não disponham de documentos de identidade (que podem simplesmente ter expirado), tampouco que sejam necessariamente clandestinos, pois muitos entraram legalmente no país e, portanto, são conhecidos das autoridades.

Quanto aos pesquisadores, o que se constata é que eles prefeririam usar termos neutros. No entanto, não fica claro se há termos que sejam genuinamente neutros (BARTRAM *et al.*, 2014, p. 145). De fato, a escolha de uma palavra, em detrimento de outra(s), não raramente marca uma posição política que acaba por influenciar o próprio sentido dessa palavra. Isso implica que as palavras ganham seus sentidos nos usos que delas são feitas pelos locutores, o que está imbricado no

“duplo movimento” que existe entre linguagem (discurso) e sociedade (CALABRESE; VENIARD, 2018, p. 22).

Assim, embora “irregular” ou “não autorizado” também passem por conotações políticas e normativas – como vimos a neutralidade não existe já que as palavras estão mergulhadas no social que as envolve (e vice-versa) – parece-nos que esses termos são menos fortes do que “ilegal” ou “sem documentos”, razão que nos leva a utilizá-los preferencialmente a outras denominações no presente artigo. Mas, afinal, como vivem os migrantes em situação irregular? Que consequências eles experimentam no seu cotidiano pelo fato de não estarem legalmente autorizados a permanecer num dado país? É o que abordaremos a seguir.

3 Migrantes em situação irregular: dificuldades e obstáculos

Com o aumento e a diversificação dos fluxos migratórios para a Europa, a partir da década de 1990, assistiu-se também a um acréscimo no número dos ditos “ilegais”, mesmo que seja extremamente difícil obter estimativas confiáveis e exatas sobre esses sujeitos, principalmente em função de suas diferentes trajetórias no que se refere ao direito (ou não) de permanência no novo país: vistos de curta duração, de estudante ou outros tipos de visto que tenham perdido a validade, não obtenção do direito de asilo, entre outras situações (HORTA, 2013; BERNARDOT, 2019).

No caso específico da França, entre as pessoas estrangeiras em situação irregular que permanecem no país, existem, inclusive, aquelas que são qualificadas pela administração como “*ni-ni*” [“nem-nem”], ou seja, “*nem regularizáveis* (segundo os critérios definidos pelo ministério do interior, que mudam de acordo com os governos), *nem expulsáveis* (segundo a regulamentação internacional e francesa)”⁵ (BERNARDOT, 2019, p. 18; grifos do original). Nesse último caso, enquadram-se, por exemplo, indivíduos cujos filhos tenham nascido na França, os que tenham laços familiares unicamente nesse país ou ainda os que estejam doentes. Entre os dispositivos que impedem a expulsão/recondução ao

⁵ Tradução livre de: “[...] *ni régularisables* (selon les critères définis par le ministère de l’intérieur, qui évoluent selon les gouvernements), *ni expulsables* (selon la réglementation internationale et française)”.

país de origem, encontra-se, por exemplo, a Convenção Europeia dos Direitos do Homem (*Convention européenne des droits de l'homme*) que, pautada em critérios éticos, protege o direito à vida em família e proíbe o Estado de adotar procedimentos de distanciamento entre familiares.

De qualquer forma, como destaca Peixoto (2013, p. 165) em relação ao contexto europeu, em geral, e ao português, em particular, os migrantes encontram-se entre os segmentos mais vulneráveis do mercado de trabalho: eles, com frequência, desempenham tarefas abaixo do seu nível de qualificação, assumem contratos temporários, com remuneração inferior à dos nativos e jornadas mais extensas, além de estarem mais sujeitos ao desemprego.

Esse quadro se agrava no caso dos migrantes em situação irregular: muitos trabalham sem ser declarados por seus empregadores e sem se beneficiarem de nenhuma proteção ou direito. Submetem-se, porém, a essas condições laborais precárias – tornando-se “presas” fáceis e atrativas para certos patrões – a fim de evitar a visibilidade sobre si mesmos. Afinal, eles não estão dispostos a reclamar os direitos que teriam formalmente, temendo que o contato com as autoridades levará à sua deportação. Mesmo assumindo esse e outros cuidados, eles convivem cotidianamente com a insegurança e com o medo da expulsão, já que sempre existe a possibilidade de denúncia ou de eles se depararem com algum tipo de fiscalização mais rigorosa (BARTRAM *et al.*, 2014; CASTRO *et al.*, 2015; BERNARDOT, 2019).

Os brasileiros, via de regra, entram legalmente na Europa, embora o façam na posse de documentos não condizentes com a decisão de lá permanecerem. Em outras palavras, eles se beneficiam do chamado “visto de turismo” – na verdade e paradoxalmente, uma ausência de visto – que permite a turistas e outras categorias (decorrentes de negócios, cobertura jornalística ou missão cultural) a estadia em certos países europeus, como é caso de Portugal (e – acrescentamos – da França), por um período de 90 dias⁶, sem a necessidade de documentos adicionais (autorização de residência, visto de trabalho etc.). Assim, findo o período

⁶ Quanto ao Reino Unido, o prazo máximo para permanência sem visto é de 180 dias, no caso de turismo ou de negócios, segundo informação do Itamaraty. Disponível em: http://cglondres.itamaraty.gov.br/pt-br/viagem_ao_reino_unido.xml#Visto. Acesso em: 27 set. 2020.

de 90 dias, que prescinde de visto, eles simplesmente não retornam ao Brasil e, com isso, caem numa situação de ilegalidade (MARQUES; GÓIS, 2015, p. 110).

Cabe mencionar ainda que, em geral, os migrantes em situação irregular – e os brasileiros não fogem à regra – têm na motivação econômica a principal razão para seu deslocamento: eles buscam, em geral, melhorias na qualidade de vida. Muitos querem juntar dinheiro para, posteriormente, retornar ao Brasil e adquirir um imóvel ou abrir um negócio (CASTRO *et al.*, 2015; BERNARDOT, 2019).

4 Relatos de brasileiros em situação irregular na Europa: questões teóricas e metodológicas

A partir do breve panorama apresentado nas seções anteriores, o objetivo do presente artigo, como já foi dito, é o de analisar narrativas de vida de brasileiros que vivem em situação irregular no contexto europeu. Por meio da noção de “narrativa de vida” (BERTAUX, 2005), utilizada originalmente no âmbito da etnossociologia – e que fazemos aqui “dialogar” com a ADF –, buscamos (tanto no projeto maior quanto no presente artigo) dar a palavra a esses sujeitos para que eles próprios contem suas experiências de vida, ampliando seus espaços de fala para além da esfera privada. Isso porque, conforme constatamos em outros trabalhos (ver LARA, 2018, 2019), os debates públicos sobre as migrações contemporâneas limitam-se, na maioria das vezes, a mencionar números, gráficos e porcentagens ou a valorizar o que dizem os especialistas, os agentes governamentais e/ou os jornalistas, tomados como porta-vozes dos migrantes, sem que estes tenham a oportunidade de se manifestarem sobre o que é ser/viver como migrante num país estrangeiro, com tudo o que isso implica: dificuldades e obstáculos, mas também avanços e conquistas.

Esclarecemos que a expressão “narrativa de vida”, tradução de *récit de vie*, foi introduzida na França, em 1976, pelo sociólogo Daniel Bertaux. Para ele, há narrativa de vida sempre que um sujeito conta a outro (pesquisador ou não) um episódio qualquer de sua experiência de vida. O verbo “contar” (“fazer o relato de”) mostra-se, nesse caso, fundamental para sinalizar que a produção discursiva do sujeito assumiu a forma narrativa (BERTAUX, 2005, p. 36).

Trata-se, pois, de um gênero por meio do qual um ser do mundo fala de si para os outros, ou seja, relata a outro sujeito certos acontecimentos que protagonizou ao longo de seu percurso de vida. Esse *ser-que-se-conta* representa a si mesmo e aos outros, devendo, pois, responder a questões como: *Quem eu sou?*; *Como me represento?* Isso implica que o *eu* que escreve ou fala, na presente instância de enunciação, o *eu* do *aqui* e do *agora*, (re)cria, por meio da linguagem, um *outro*, o do *lá* e do *outrora*, dando, assim, por meio desse movimento de (re) contar-se, um melhor contorno a suas experiências de vida (MACHADO; LESSA, 2013, p. 105).

Parafraseando Arfuch (2010, p. 114), diremos que há um deslizamento da *pessoa* ao *personagem*, como se o sujeito construísse uma nova versão de si mesmo. Isso implica um embate entre realidade e ficção, pois, como afirma Charaudeau (1992, p. 712-713), contar é uma atividade posterior à existência de uma “realidade passada” (inventada ou não), o que implica, simultaneamente, o nascimento de um outro universo, o “universo contado”. Nessa perspectiva, nada garante que uma dada narrativa possa ser “o reflexo fiel de uma realidade passada”, ainda que ela tenha sido vivida pelo sujeito que (se) conta, uma vez que as memórias de alguém são sempre reconstruções e, por isso, são histórias que oscilam entre efeitos de real e efeitos de ficção. Moreira (2018, p. 140), por sua vez, admite que nesse exercício de se dar a conhecer ao outro, o sujeito empenha-se em buscar na memória lembranças e reminiscências, mas tem que lidar, inevitavelmente, com porosidades e lacunas. O resultado, portanto, é a produção de uma história complexa e heterogênea, em que vale mais o “dizer verdadeiro” do que a verdade ontológica – pelo menos no escopo da análise do discurso.

Para a coleta de dados, tomamos por base os procedimentos da entrevista narrativa (BERTAUX, 2005). Inicialmente, a partir de um roteiro prévio, registramos os relatos dos colaboradores (migrantes brasileiros na Europa), por meio do aplicativo “Gravador de voz avançado”, instalado em aparelho celular. As entrevistas tiveram a duração média de 15 a 20 minutos e foram realizadas em locais, dias e horários previamente combinados com os colaboradores nas capitais dos três países selecionados (Lisboa, Paris e Londres), no período de novembro de 2020 a fevereiro de 2021.

O referido roteiro propunha uma questão geral: “Conte-me como você vivia antes no Brasil e como vive atualmente no país de destino.”,

desdobrada em cinco perguntas mais específicas: 1) quais foram suas motivações para migrar para a Europa e, particularmente, para o país escolhido?; 2) na sua opinião, quais foram/são os pontos positivos e negativos da mudança?; 3) como você avalia o olhar do nativo em relação ao migrante, sobretudo o migrante brasileiro?; 4) como é o seu contato com nativos, brasileiros e outros estrangeiros no novo país?; 5) você tem algum projeto de retorno ao Brasil? De acordo com Bertaux (2005, p. 149), a proposição de um roteiro prévio permite que o entrevistador interfira o mínimo possível na narrativa, deixando-a fluir naturalmente, e, ao mesmo tempo, impede que o entrevistado se afaste da temática focalizada.

Além dessas perguntas, se, no momento do registro de dados (idade, escolaridade, estado civil, situação no novo país etc.), o entrevistado mencionasse não ter visto de permanência, solicitávamos que falasse um pouco dessa questão ao responder às perguntas propostas, esclarecendo, porém, que, caso ele se recusasse, seu silêncio seria respeitado. Foi assim que chegamos aos quatro relatos selecionados para este artigo.

O passo seguinte foi transcrever as entrevistas, de acordo com as normas do Laboratório ICAR da Universidade de Lyon (CALABRESE; VENIARD, 2018, p. 28). Depois dessa etapa, nós as editamos para efeitos de análise, tendo em vista que nosso interesse maior é o conteúdo dos textos.⁷

Ora, se a metodologia para a coleta de dados e a constituição do *corpus* seguiu, em linhas gerais, os procedimentos da entrevista narrativa (BERTAUX, 2005), a análise posterior dos textos registrados foi feita com categorias da ADF. Em linhas gerais, trabalhamos com alguns planos propostos por Maingueneau (2005, p. 79-102), no âmbito de sua Semântica Global, entendida como o sistema de restrições que incide, de forma integrada, sobre os vários planos do discurso, tanto

⁷ Na transcrição, a difícil questão de como reproduzir, na modalidade escrita, a oralidade fornecida pelas entrevistas se impõe ao pesquisador. Para facilitar a leitura dos excertos apresentados neste trabalho, optamos por editá-los, introduzindo sinais de pontuação e eliminando ocorrências como pausas, hesitações e autocorrekções. Mantivemos, porém, certas marcas de oralidade (*né, entendeu, tá* etc.) e as inadequações relativas ao uso do português padrão (problemas de concordância, regência, entre outros), considerando, sobretudo, a informalidade da situação.

na ordem do enunciado quanto na ordem da enunciação. É o caso do *vocabulário* (palavras-chave, índices de avaliação, nominalizações), dos *temas* (impostos ou específicos), da *dêixis enunciativa* (categorias de pessoa, tempo e espaço) e do *modo de enunciação* (o “tom” do discurso, que remete à construção do éthos). Além desses quatro planos – que constituem, para nós, os mais produtivos no exame das narrativas de vida, há a *intertextualidade*, o *estatuto do enunciador e do destinatário* e o *modo de coesão*, totalizando sete planos. Cabe esclarecer que utilizaremos os planos escolhidos de maneira mais abrangente do que faz o autor. Não vemos, porém, incompatibilidades entre o que ele propõe e a nossa “releitura” desses planos.⁸

Com o dispositivo teórico-metodológico brevemente descrito acima, acreditamos poder apreender, em grande medida, que representações discursivas⁹ (de si, dos outros/nativos, dos países de partida e de chegada, entre outras) os migrantes brasileiros que vivem do outro lado do Atlântico constroem por meio das histórias que contam. E, além disso, se e como (em que medida) a situação de irregularidade interfere no seu dia a dia.

5 Com a palavra os migrantes brasileiros

No Quadro 1, a seguir, apresentamos informações mais detalhadas (idade, estado civil, escolaridade, profissão no Brasil e no novo país, tempo de permanência como migrante) sobre os quatro “narradores”, na ordem em que foram entrevistados. Quanto ao seu estatuto jurídico, lembramos que todos eles se encontram em situação irregular nos respectivos países (alguns, como Sofia e Magdalena, há mais de dez anos). Lembramos também que, de acordo com as orientações do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa)/UFMG, utilizamos nomes fictícios para designá-los.

⁸ Para maiores detalhes sobre a escolha desses planos (temas, vocabulário, dêixis enunciativa e modo de enunciação), remetemos o(a) leitor(a) a nossos trabalhos anteriores (LARA, 2018, 2019).

⁹ Cabe esclarecer que, neste artigo, tomamos o termo “representações (socio)discursivas” na acepção de Charaudeau (2007, 2015). Muito resumidamente, diremos que se trata de formas de ver e julgar o mundo que se manifestam por meio do discurso.

QUADRO 1 – Informações sobre os sujeitos da pesquisa

Nome fictício	Novo país / tempo de permanência ¹⁰	Idade	E. Civil / Filhos	Escolaridade	Profissão no Brasil / atual
Flávia	França / 8 meses	42	Casada (2 filhos no Brasil)	Ens. Médio / Curso Técnico em Radiologia	Receptionista de prédio/ faxineira
Sofia	França / 11 anos	44	Solteira	Ens. Médio	Vendedora de loja/ faxineira e manicure
Magdalena	Inglaterra / 12 anos	41	Solteira	Ens. Médio	Atendente de telemarketing/ faxineira
Antônio	França / 1 ano	33	Casado (2 filhos na França)	Ens. Fundamental	Marceneiro / marceneiro

Fonte: elaboração própria.

No que tange ao estado brasileiro de onde vieram os entrevistados, cabe dizer que Flávia nasceu no Maranhão, mas viveu a maior parte de sua vida em Goiás; Antônio, natural da Bahia, morava no Espírito Santo antes de se mudar para Paris. Tanto Magdalena quanto Sofia vieram de Minas Gerais, onde nasceram.¹¹

Dito isso, passemos à análise do *corpus* que, como comentamos, seguirá, em linhas gerais, quatro planos da Semântica Global de Maingueneau (2005): os temas, o vocabulário, a dêixis enunciativa e o modo de enunciação (éthos). Começando pela análise dos temas, esclarecemos que as narrativas de vida serão abordadas a partir de três eixos temáticos, “recortados” das perguntas do roteiro prévio: 1) motivações para a migração e para um possível retorno; 2) aspectos positivos e negativos da mudança para o novo país (incluindo a questão do estatuto jurídico irregular); 3) relações com o *outro*: nativos, brasileiros e demais estrangeiros (com destaque para o olhar do nativo sobre o

¹⁰ Mínimo de 6 meses, contados a partir do dia da entrevista.

¹¹ Como já foi dito (vide nota 2), não encontramos, ao longo da pesquisa, nenhum sujeito em situação irregular que tenha migrado para Portugal, embora saibamos que os brasileiros constituem hoje a maior nacionalidade estrangeira naquele país. Porém, como constataram os pesquisadores do projeto “Vagas Atlânticas: a Imigração Brasileira em Portugal”, transformado, posteriormente, em livro (PEIXOTO *et al.*, 2015), foram poucos os imigrantes irregulares encontrados, provavelmente em função das várias possibilidades de legalização (algumas atribuídas apenas a brasileiros) oferecidas por Portugal.

migrante, sobretudo o brasileiro). São esses três eixos que conduzirão a análise.

Para Maingueneau (2005, p. 88), os temas estão integrados semanticamente a um dado discurso por meio do sistema de restrições que o rege, podendo ser de dois tipos: a) os temas impostos, que são obrigatórios para que um discurso seja bem aceito; b) os temas específicos, que são próprios a um dado discurso. No caso deste artigo (e evidentemente da pesquisa que o originou), consideramos, em consonância com o autor, que, num discurso que se proponha a falar da experiência migratória de um sujeito, é imprescindível a presença de temas como aqueles que foram contemplados no roteiro prévio da entrevista e que “recortamos” nos três eixos mencionados no parágrafo anterior. São, portanto, a nosso ver, temas impostos. Outros temas, porém, decorrentes ou não dos temas impostos, vão surgindo em certos textos – mas não em outros – respondendo pelos temas específicos na “grande história” da migração de brasileiros para o continente europeu.

Esclarecemos também que não vemos como trabalhar com os temas (impostos ou específicos), sem analisar paralelamente o vocabulário. Se, para Maingueneau (2005, p. 83-84), “a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente”, não podemos deixar de observar como, em função de seus usos, as palavras se comportam (dialogam, polemizam, complementam-se, chamam umas às outras) nos discursos que integram.

No eixo temático 1 (motivações para a migração e para um possível retorno), constatamos que dos quatro entrevistados, três tiveram, principalmente, motivação econômica. Segundo Bernardot (2019, p. 34), dados coletados no âmbito dos países da OCDE (*Organisation de coopération et de développement économiques*) revelam quatro grandes motivos para a migração: 1) a migração econômica; 2) a migração familiar; 3) a migração humanitária; e 4) a migração para os estudos. A autora comenta, porém, que as motivações são, no geral, complexas e múltiplas.

Assim, é que, embora não possamos descartar o peso dos fatores econômicos na decisão de migrar, as falas dos três entrevistados, apresentadas a seguir, nos revelam outras perspectivas: como o desejo de estudar (fazer cursos, aprender uma nova língua) e de se reunir com parentes já migrados: Flávia tinha a sogra, Sofia, um irmão e Antônio, primos que já viviam (e trabalhavam) em solo francês. Foram esses sujeitos que os incentivaram ao deslocamento e/ou deram o apoio inicial

para que eles se estabelecessem num país que lhes era completamente desconhecido até então. Vejamos como cada um deles relata suas motivações:¹²

T1: Eu morava em Goiânia, trabalhava, era recepcionista em um prédio, trabalhei doze anos no mesmo local e eu sempre tive muita vontade de mudar, de vivenciar outras culturas e tudo e aí, eu e meu marido decidimos vir para a França porque minha sogra já mora aqui há uns 10 anos e aí ela nos convidou e nós resolvemos aceitar, com o propósito de avançar, mudar de vida, aprender outra língua, mas também mudar de vida financeiramente. Nós viemos mais em busca de trabalho [...] E assim, o que nos trouxe mais aqui mesmo é o fato de que a gente no Brasil paga aluguel e nós queríamos juntar, trabalhar para juntar um dinheiro e comprar uma casa lá porque nós não queríamos comprar financiada. Então, a gente queria comprar à vista. (Flávia)

T2: Bom, eu trabalhava no Brasil com vendas e caixa de loja, e eu quis ser autônoma e resolvi comprar uma máquina para fazer batatas, tipo *ruffles*, para vender na praia. Só que a máquina quebrou e eu perdi todo o meu investimento. Então, eu comecei a buscar uma ideia para recomeçar. E fiz um curso de depilação para fazer uma cabine de depilação porque se gasta pouco e já começa a desenvolver o negócio. Mas, quando eu fiz o curso, abriu o leque, e eu quis entrar nessa área de estética. Mas eu precisaria investir em mais cursos, e aí veio a ideia de vir pra França. Eu já tinha um irmão aqui [...] Então, ele me buscou no aeroporto e eu fiquei na casa dele durante 3 meses, depois eu fui morar com uma francesa que eu conheci através dele e aí eu comecei a trabalhar, a fazer minhas coisas. (Sofia)

T3: Bom, então, a minha motivação, né, de tá vindo pra Europa foi com relação à família, parentes, porque eu tenho parentes aqui na França já há muito tempo, eu tenho primos que moram aqui já onze, doze anos, né?, e um belo dia eles me fizeram o convite de tá vindo, né?, trabalhar aqui na região e tal, que eles tavam gostando e que seria uma oportunidade pra mim, pra minha família, e daí, então, eu fui motivado através deles, me motivei através dos meus familiares, meus parentes. (Antônio)

¹² Para facilitar os comentários e remissões, os trechos citados serão numerados: T1, T2 e assim sucessivamente.

Já as motivações de Magdalena para se mudar para a Inglaterra foram um pouco diferentes: ela conta que estava meio perdida com a morte da mãe e infeliz com o emprego de atendente de telemarketing, do qual acabou sendo demitida. Sem o apoio materno e sem perspectivas no Brasil, ela resolveu aceitar o insistente convite de uma irmã que morava em Londres. A motivação familiar parece ter sido, portanto, a principal razão que a levou ao deslocamento, embora possamos considerar que a motivação econômica, relacionada à demissão do emprego no Brasil, também tenha contribuído para a mudança, o que reafirma o comentário de Bernardot (2019) sobre o caráter complexo e múltiplo das motivações para a migração. Diz Magdalena:

T4: Antes de vir pra cá, eu tinha perdido a minha mãe, eu tava assim meio deslocada, eu não sabia bem o que fazer com a minha vida. Eu tava trabalhando nessa empresa de telemarketing, mas era uma coisa que eu não tava muito feliz [...] eu tava me sentindo assim um pouco perdida, não sabia o que eu queria da minha vida, o que eu fazia, aí eu fui demitida dessa empresa. Na verdade, eu já tava querendo sair, tava me estressando, tava me fazendo mal psicologicamente, fisicamente e a minha irmã tava aqui já tinha um tempo e ela sempre queria me trazer pra cá, me chamava pra vir pra cá, mas eu até aquele momento não tinha decidido. Eu sempre quis aprender outras línguas, eu sempre gostei do inglês, sempre tive interesse [...] Depois que eu saí desse trabalho e tudo, aí ela me chamou e falou: “Vai ser a última vez que eu te chamo.” Aí, eu não tinha dinheiro, não tinha nada. E eu falei “Tudo bem”. Pra falar a verdade, eu não tinha perspectiva nenhuma. Não tinha. Aí eu falei assim: “Não, tudo bem. Eu vou.” Aí ela pagou minha passagem e tal e eu vim. Mas sem perspectiva.

Dois aspectos chamam a atenção na fala de Magdalena em T4. Primeiramente, do ponto de vista do vocabulário, o uso de palavras e frases de cunho negativo para descrever sua vida no Brasil (*deslocada, perdida, não sabia o que fazer com a vida, não muito feliz, não sabia o que queria, estressando, fazendo mal psicologicamente e fisicamente*), além da repetição (na negativa) do termo “perspectiva” como forma de destacar a falta de convicção que a levou Londres: “eu não tinha perspectiva nenhuma. Não tinha.”, “mas sem perspectiva” (o que faz eco com a condição meio “sem rumo” que ela experimentava naquele momento, como mostram os índices de avaliação *meio deslocada e um*

pouco perdida, entre outros). Em segundo lugar, a presença do discurso direto, por meio do qual ela simula um diálogo com a irmã, possivelmente para frisar a insistência do convite feito por esta, que soa, inclusive, como um ultimato. O discurso direto, sendo uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior, “autentifica” os enunciados relatados, criando um efeito de sentido de realidade, de que as coisas foram ditas exatamente daquela forma (MAINGUENEAU, 1991, p. 134).

Mobilizando os recursos linguístico-discursivos descritos, Magdalena age como se a decisão de migrar tivesse dependido mais da insistência da irmã do que de sua própria vontade (mesmo que ela admita que sempre quis aprender outras línguas e sempre gostou do inglês). Nesse ponto, Magdalena destoa de Flávia, Sofia e Antônio, que parecem ter tido objetivos mais claros na/para a mudança de país. Mesmo assim, um tema específico que emerge na fala de Antônio (e que não é mencionado diretamente pelas demais entrevistadas) é o fato de que, por mais que o sujeito esteja determinado, a decisão de migrar não deixa de ser um processo doloroso de “desenraizamento”, que envolve múltiplos fatores: familiares, culturais, geográficos, econômicos (BERNARD, 2002; MOREIRA, 2018). Diz ele: “[...] toda pessoa quando vai imigrar, quando vai tomar uma decisão dessa, porque não é uma decisão fácil, é uma decisão muito difícil de você sair da sua parentela, sair do seu país, sair da sua cultura pra você poder tentar a vida em outro lugar, né?”

Quanto à motivação para retornar (ou não) ao Brasil, os sujeitos se dividem – e essa decisão, curiosamente, independe do tempo de permanência de cada um no novo país. Assim, no momento da entrevista, Flávia, que estava há oito meses em Paris, e Magdalena, há doze anos em Londres, declararam que têm planos de voltar ao país natal, enquanto Sofia e Antônio com, respectivamente, onze anos e um ano em Paris disseram preferir – pelo menos, quando conversaram conosco – permanecer no exterior. É importante observar, porém, que todos eles modalizam suas falas – Antônio em maior grau – no sentido de admitir que podem mudar de ideia, como se vê nos trechos de T5 a T8 (grifos nossos). Afinal, a decisão de voltar pode ser tão difícil quanto a decisão de migrar:

T5: A nossa pretensão aqui é um período de uns cinco, seis anos. A gente não quer ficar mais tempo do que isso aqui e nós queremos voltar no Brasil [...] Então, assim, eu por mim, ficaria mais tempo, mas definitivo, não; a gente não tem esse pensamento. *Pode ser*

que algum dia mude, porque tá tudo muito recente, então, nós ainda tamos na fase de adaptação. Mas, por enquanto, nosso intuito é o mesmo de quando a gente saiu do Brasil: de vir, mas de voltar num determinado tempo, o qual nós estipulamos. (Flávia)

T6: Ainda não voltei no Brasil, então, não tenho um parâmetro, assim, para falar se eu quero voltar, uma ideia para saber se quero voltar ou não. Mas *ano que vem quando eu for, eu posso ter essa ideia* [de ficar no Brasil] [...]. Mas até então, a ideia é ficar aqui. Eu tô feliz aqui e é aqui que eu quero ficar. (Sofia)

T7: Eu não pretendo ficar morando aqui a vida inteira, *a não ser que eu mude*, tenho muita saudade do Brasil, muita vontade de voltar e a minha vontade é conseguir o objetivo, né? Meu foco é esse, é voltar pro Brasil. No momento, eu tô pensando em voltar. Já tem doze anos que eu não vou e tô pensando em voltar e ver como eu vou me adaptar. (Magdalena)

T8: Eu cheguei com o pensamento de voltar pro Brasil [...] você vai com o pensamento: “Eu vou e eu volto”, né? Mas, ao chegar aqui, esse pensamento ele vem mudando. Então, hoje *eu ainda não sei exatamente dizer assim*: “Ah, eu volto pro Brasil.” Hoje a ideia tá amadurecendo de permanecer aqui na França, né? *Não sei*, vamos vivendo e *vamos ver o que vai acontecer*. A intenção atual é de ficar, *vamos ver como vai ser mais pra frente*. (Antônio)

Ao que tudo indica, a decisão de permanecer na Europa ou de retornar ao Brasil está ligada à avaliação que o sujeito faz da experiência migratória, o que o leva a descrever o país de chegada em seus aspectos positivos e negativos e, não raro, a compará-lo com o Brasil. Isso nos conduz ao segundo eixo temático. Nesse eixo, interessa-nos saber ainda se – e em que medida – o estatuto jurídico irregular interfere no cotidiano dos quatro entrevistados.

Flávia, que, à época da entrevista, estava ainda em processo de adaptação, lembra a expectativa que ela e o marido tinham sobre a França e a realidade que encontraram (descrita pelo índice de avaliação: *totalmente diferente* em termos de cultura e de língua). O adjetivo *difícil*, intensificado pelo advérbio *muito*, é repetido várias vezes ao longo da sua fala para sinalizar o momento de chegada e os primeiros oito meses em Paris. Constitui, assim, uma palavra-chave ou, como diria Maingueneau (2005, p. 84), um “ponto de cristalização semântica” no/do discurso. Isso

significa que o lexema *difficil* assume, de forma privilegiada no discurso de Flávia (e de tantos outros migrantes na mesma situação), toda a carga negativa que envolve(u) cada etapa, cada aspecto de (sobre)vivência num outro país. Destacamos, nesse sentido, as condições precárias de trabalho a que Flávia se submete por ser migrante e, mais do que isso, por estar numa situação irregular.

T9: Nós viemos mais em busca de trabalho e nós tínhamos uma expectativa. Quando nós chegamos aqui, nós vimos que é uma cultura totalmente diferente, um povo totalmente diferente, nos sentimos meio que deslocados devido à língua ser *très difficile, muito difficil*. E, então, assim, a princípio [foi] *muito difficil*. Muito mesmo. Teve dias de querer voltar, ir embora, deixar tudo, independente do que já tinha gasto, da motivação que nos trouxe aqui [...] A vida aqui é *muito difficil*. Eu acordo 3h45 da manhã todos os dias, saio para trabalhar 4 horas da manhã. A gente trabalha muito, não tem um lugar fixo, você trabalha hoje aqui, amanhã você trabalha em outro lugar e assim vai sucessivamente. Então, assim, é *muito difficil*. (grifos nossos)

Apesar disso, ela reconhece o “lado bom” de estar na França. Na sua opinião, Paris é uma “cidade belíssima”, com uma cultura e uma gastronomia ricas. Ressalta, além disso, a oportunidade de estar estudando francês, o que vê como um investimento para o futuro.

Quanto à situação irregular de migrante, já sinalizada mais acima, Flávia é uma das que mais fala sobre a questão, reconhecendo os obstáculos que isso implica e descrevendo o medo que já sentiu em certas ocasiões, bem como a tristeza que decorre dessa sua condição, como mostra o trecho reproduzido a seguir.

T10: Não estou legal aqui. O que dificulta mais ainda a situação é não estar legal num país que não é o seu e você fica ilegal, você tem medo. Às vezes, você tá num no trem ou num metrô e entra a fiscalização. Às vezes é a fiscalização do Navigo, do passe do metrô, você já fica meio assim, achando que é a imigração. Então assim é muito complicado para arrumar trabalho, devido a você não estar legal no país, isso dificulta mais ainda e às vezes entristece mais ainda a gente [...] Quando você chega aqui você vê que é totalmente diferente e tem momentos que o seu mundo assim desaba. Será que eu fiz a coisa certa? Será que aqui é o meu lugar? Será que não tá na hora, será que eu não tenho que voltar?

Chama a atenção, no final de T10, o conjunto de perguntas retóricas que Flávia – e muitos migrantes – se faz(em), revelando dúvida, incerteza no tocante à decisão de migrar, o que remete, de certa forma, ao difícil processo de “desenraizamento” presente na fala de Antônio mais acima. Afinal, como vimos, por mais determinado que esteja, o sujeito, ao partir, defronta-se com inevitáveis rupturas relativas à língua, à cultura, às relações afetivas (familiares, amigos) que mantinha no seu país natal, o que pode afetá-lo em maior ou menor grau, levando-o não raras vezes a questionar a decisão tomada. Migrar não é, portanto – e nunca será – uma questão simples na vida de quem o faz. Como afirma Laacher (2012, p. 46), partir tem um custo para o sujeito: é um ato que jamais ocorrerá sem prejuízo simbólico e social. Para ele, apenas as gerações subsequentes serão capazes de transformar em lembranças as perdas que a experiência migratória representa.

Sofia, por sua vez, já há onze anos em Paris, também descreve sua experiência migratória inicial como *difícil*, em função, sobretudo, da língua francesa, que ela não dominava, e da falta de contatos com outras pessoas no novo país, problemas que o tempo ajudou a superar.

T11: A dificuldade que a gente tem é a língua porque eu, particularmente, cheguei sem falar nem um “oi”, mas hoje eu consigo desenvolver minha vida. [...] Olha, graças a Deus, eu não posso reclamar. Eu nunca fiquei sem trabalho [...] Então, pelo fato de fazer unha, você tem a possibilidade de conhecer muitas pessoas e perguntar, né?, ser um contato, ter um contato e ser um contato. Então, graças a Deus, nunca me faltou trabalho.

A exemplo de Flávia, Sofia se pergunta se, ao migrar, teria feito a coisa certa. Sua dúvida, porém, se refere a um ponto específico (e não à migração como um todo, que é o caso de Flávia). Vejamos:

T12: Olha, eu gostaria de estudar. Meu sonho é fazer Psicologia. Então, às vezes, por eu ter uma vida muito corrida, muito agitada, porque eu moro sozinha, então, acredito que é mais difícil, eu posso pensar que, se eu tivesse ficado no Brasil, será se eu teria feito a Psicologia? Não sei. É o único questionamento que eu tenho às vezes é esse. Aqui você tem a facilidade do preço, mas você não tem o tempo; é difícil você ter um tempo pra você estudar.

Quando se trata de abordar sua situação irregular na França, Sofia se cala. Podemos depreender, porém, nas entrelinhas do discurso, que isso afetou – afeta ainda – negativamente seu cotidiano. Diz ela: “Então, quando você chega, você faz o que vier, porque primeiro você não fala bem o francês ou não fala nada, então, você tem que fazer o que tiver pra fazer.”. Apesar de Sofia atribuir a necessidade de “fazer o que vier” apenas ao não domínio da língua estrangeira (no caso, o francês), não podemos deixar de associar essa impossibilidade de escolha também ao seu estatuto jurídico, o que a impede, por exemplo, de ter um contrato formal de trabalho, com horário determinado e salário fixo.

Hoje, falando francês e com um maior número de contatos, ela admite que “consegue, às vezes, até escolher um trabalho”, o que minimiza, mas não resolve o problema vivenciado pelo migrante, sobretudo aquele em situação irregular, de ter que se sujeitar ao que aparece em termos de serviços e de horários, mesmo que ela admita que nunca lhe faltou trabalho. Isso torna sua rotina “muito corrida, muito agitada e complicada” (índices de avaliação), o que a leva a concluir: “eu não tenho uma rotina, na verdade, né? [...] porque meus horários são aleatórios”. Essas considerações de Sofia acabam por corroborar nossa interpretação ainda que, como foi dito, ela não as relacione explicitamente a seu estatuto não autorizado de permanência na França.

Magdalena também relembra os problemas que teve quando migrou para Londres doze anos atrás – o que nos leva a reafirmar o vocábulo *difícil* (e variantes) como um ponto de cristalização semântica no discurso do migrante, em geral, sobretudo no período de adaptação ao novo país. Nessa perspectiva, chamam a atenção, em T13, verbos como *desistir* e *ir embora*, que assim como aqueles empregados por Flávia em T9: *querer voltar*, *deixar tudo*, revelam o estado de fragilidade do migrante num país em que, com frequência, ele não se sente bem acolhido:

T13: E o primeiro ano aqui foi *muito difícil*, eu quase desisti. Problema de trabalhar, de dinheiro, de saber o que fazer porque quando a gente chega aqui a gente não imagina trabalhar como limpar casa. Eu nunca, no Brasil, assim, eu fazia isso na casa da [minha] vó, na casa da família, mas nunca gostei muito desse tipo de trabalho. Assim, o primeiro ano foi *muito difícil* [se emociona], eu quase desisti [chora]. Se não fosse por ajuda, eu teria desistido, eu teria ido embora. (grifos nossos).

Como vemos em T13, de atendente de telemarketing no Brasil Magdalena se tornou faxineira em Londres, o que remete à afirmação de Peixoto (2013) de que os migrantes encontram-se entre os segmentos mais vulneráveis do mercado de trabalho, desempenhando, com frequência, tarefas abaixo do seu nível de qualificação. Essa condição pode ser atribuída também a Flávia e a Sofia, como mostra o quadro 1, e parece ser agravada pelo estatuto jurídico (irregular) das três nos respectivos países. Nesse sentido, é importante destacar que apenas Antônio continua exercendo a mesma profissão que tinha no Brasil – a de marceneiro. Ele não especifica, porém, qual é a sua situação na empresa onde trabalha em Paris: por exemplo, se tem algum contrato ou acordo, mesmo que informal; se isso lhe traz algum tipo de benefício etc., o que nos permite pensar que ele talvez se submeta a condições tão precárias quanto as das outras entrevistadas.

De qualquer forma, a exemplo de Flávia, Magdalena não se furta a abordar, mesmo que brevemente, sua situação irregular como migrante. Ela, porém, não menciona sentimentos de medo ou de tristeza como Flávia, mas fala da preocupação de ter algum problema mais sério, como ficar doente, e de um certo incômodo de não poder transitar livremente, o que se comprova no T14, a seguir:

T14: Acho o ponto negativo que eu sinto de tá aqui é por eu não tá legal aqui, eu não poder transitar, não poder viajar. Isso é uma coisa difícil porque eu gosto de viajar e tudo. E me preocupa muito, por exemplo, se eu ficar doente, alguma coisa acontecer comigo e eu não ter a segurança de poder ficar um tempo sem poder trabalhar.

Outro aspecto negativo apontado por Magdalena, agora em relação à Inglaterra – e a Londres, particularmente – é o tempo frio. Ela confessa sentir falta do sol do Brasil, mas, em contrapartida, destaca a segurança que tem em Londres, a liberdade de poder sair sozinha à noite, sem sofrer nenhum tipo de violência (diferentemente do que acontece no Brasil), o que é um aspecto bastante positivo da Europa, em geral (destacado, aliás, pela maioria dos migrantes brasileiros que entrevistamos, embora não tenha sido mencionado nem por Flávia, nem por Sofia). Segundo Magdalena:

T15: Mas aí tem a parte positiva, que é a parte de se sentir *segura*. Igual eu tava comentando hoje com o pessoal, eu posso sair à noite sozinha e me sentir *segura*, que é uma coisa que a gente não sente no Brasil. Igual antigamente assim aqui eu saía, saía à noite, saía pra divertir e tudo e voltava pra casa sozinha de madrugada e me sentia *segura*. Eu sempre me senti *segura* aqui nunca tive problema, nunca tive problema nem de violência, de nada. Eu sei que existe, mas não é igual a gente sente no Brasil. Essa *liberdade*, eu gosto dessa *liberdade*. (grifos nossos)

Apesar da segurança e da liberdade que diz sentir em Londres – e que reafirma, em T15, pela repetição –, Magdalena assume que lá não tem qualidade de vida: faltam-lhe ar puro e contato com a natureza, porque, segundo ela, “aqui a vida da gente é trabalhar”. Some-se a isso o fato de ela estar impedida de viajar, de circular livremente, devido à sua condição não autorizada de permanência no país. É, principalmente, por essa razão que ela pensa em voltar definitivamente para o Brasil e viver numa cidade pequena do interior, onde possa ter o que lhe falta em Londres, ou seja, ar puro e contato com a natureza. Caso não se (re) adapte ao Brasil, ela pensa em se mudar para outro país.

Já Antônio, a exemplo de Sofia, silencia sobre seu estatuto jurídico ao longo da entrevista. Tece, porém, um bom número de comparações entre a França e o Brasil. Destaca como ponto positivo da/na França, a condição de vida mais favorável pela facilidade de aquisição de bens e serviços (tema específico). Na sua opinião, consegue-se “viver melhor [na França] porque você consegue adquirir, com mais facilidade. [...] No Brasil, pra você conseguir adquirir um bem, um automóvel, uma mobília é muito mais complicado.”

Assim como Magdalena no tocante à Inglaterra, aborda a questão da segurança que a França oferece, como comprova o trecho a seguir (T16). Nele, chama a atenção, do ponto de vista do vocabulário, as muitas palavras/expressões que Antônio utiliza para se referir a situações de violência que acontecem frequentemente no Brasil, mas são bastante raras na França:

T16: Você não tem a violência, né?, como naturalmente acontece principalmente no Brasil. Então, você pode sair sem se preocupar com nada; você pode sair com o celular, você pode sair com dinheiro [...]. Acontece, mas você raramente vai ouvir dizer que aconteceu, né?, um *latrocínio*, aconteceu um *roubo seguido de*

morte porque isso aqui é minoria, entendeu? É muito raro. Então, não existe esse negócio de *assalto à mão armada*, não existe esse negócio da pessoa te *forçar a entregar alguma coisa*. (grifos nossos).

Os pontos negativos da vida na França – e em Paris, especificamente – são, sobretudo, o clima, o fuso-horário (que, segundo Antônio, deixa o sujeito um pouco desorientado) e a distância dos familiares e amigos que ficaram no Brasil, o que gera a saudade. Porém, na sua opinião, os benefícios citados – com destaque para a segurança – compensam as dificuldades, principalmente as que teve/está tendo inicialmente, como o não domínio da língua francesa e o dia a dia num “país totalmente diferente”, com uma “cultura totalmente diferente”, avaliação que o aproxima de Flávia. Lembremos que, assim como ela, Antônio está há pouco tempo em Paris (um ano à época da entrevista) e, portanto, em pleno processo de adaptação. Ao contrário da maranhense, porém, Antônio, como vimos, considera a possibilidade de permanecer na França, embora em nenhum momento da entrevista ele mencione o que fará para resolver sua atual situação de irregularidade. Vejamos:

T17: É uma decisão muito difícil de você sair da sua parentela, sair do seu país, sair da sua cultura pra poder tentar a vida em outro lugar, né?, em um outro país totalmente diferente, uma cultura totalmente diferente, com a outra língua que você não conhece, não é fácil, é difícil. Apesar das dificuldades, né?, nós temos vários benefícios [...]. Então, por esse motivo, vale a pena todo, digamos assim entre aspas, o sofrimento [...]. Você pode viver melhor, você não tem a violência [...] Então, essa é a diferença da segurança que você tem de você poder chegar num parque com seus filhos e você deixar seus filhos no parque e poder ficar tranquilo com a sua família, sem se preocupar com nada. Então, assim, a segurança aqui ela não tem comparação. Segurança, saúde, não tem comparação com a que, infelizmente, nós temos no Brasil.

Avaliar a experiência migratória implica também considerar a relação com os nativos de um dado país e mesmo com brasileiros e outros estrangeiros que nele residem. Isso nos leva ao terceiro e último eixo temático, em que inevitavelmente surge a questão do preconceito e da

discriminação¹³ contra os migrantes, em geral, e os migrantes brasileiros, em particular. A esse respeito, todos os entrevistados afirmaram nunca ter sido alvo direto de situações discriminatórias ou preconceituosas. Vejamos, mais detalhadamente, como cada um se manifesta sobre suas relações com os outros (nativos, brasileiros e estrangeiros).

Flávia descreve os franceses como “reservados” e “frios”, quando comparados aos brasileiros, por contraste, um povo “quente”, “que abraça” (índices de avaliação). Comenta ainda que, em Paris, é “cada um por si” e que mesmo os brasileiros que lá vivem adotam esse comportamento de desunião. Ela nada diz sobre suas amizades, talvez porque estivesse há apenas oito meses em Paris quando foi entrevistada.

Já Sofia afirma que, depois de onze anos de migração, fez muitos contatos, devido, principalmente, à profissão de manicure. Embora tivesse mencionado inicialmente que também faz faxinas, ela não retoma essa informação ao longo da entrevista, talvez por considerá-la uma profissão “menor” em relação à de manicure. Afirma que nunca sofreu nenhum tipo de preconceito ou discriminação, mas conta que os franceses, às vezes, riem dos brasileiros: “Só assim algumas palavras quando a gente, sei lá, fala alguma coisa que é muito engraçada. Eu acho que às vezes nem é por maldade, mas porque é engraçado mesmo”. Ressalva que isso também “pode acontecer [...] em relação à língua portuguesa, quando um francês fala”. Mesmo que ela admita que não tem nada a reclamar quanto a essa questão, fazer chacota ou zombar do modo como o estrangeiro se expressa em língua francesa (ou em outra língua qualquer) não deixa de ser uma forma sutil – porque velada – de preconceito, como atesta Bueno (2020) em relação aos migrantes japoneses que vivem no Brasil.

Por seu turno, Magdalena relata que, quando chegou a Londres, trabalhava de 2^a. a 6^a. feira e ia “pra farra” no final de semana, preferencialmente “pra lugar brasileiro”. Conheceu, assim, muita gente (muitos brasileiros), mas revela que amigos mesmo tem poucos,

¹³ Carvalho (2020, p. 39-40) esclarece que “o preconceito tem a ver com disposições interiores, estando no plano do pensamento e da percepção, enquanto a discriminação seria a concretização dessas disposições interiores; seriam comportamentos, ações concretas”. A autora dá um exemplo bastante esclarecedor: “João, dono de uma padaria [...] considera que os negros são baderneiros, desorganizados e que os amarelos são muito pouco sociáveis. Entretanto, na hora de contratar para prestação de serviços em seu estabelecimento, João aceita os amarelos, mas recusa os negros. Logo, pode-se afirmar que João tem preconceito contra negros e amarelos, mas discrimina apenas os negros.”

sobretudo na atualidade, quando, tendo abandonado a “farra” dos primeiros tempos, sai mais frequentemente para programas culturais, como ir ao cinema. Mantém amizade com uma família de brasileiros há doze anos e comenta que teve um amigo inglês, com quem, no entanto, perdeu contato. Por força de seu trabalho como faxineira, conhece(u) muitos estrangeiros e alguns ingleses, mas mantém (ou manteve) com eles uma relação estritamente profissional. Avalia os ingleses como pessoas “mais abertas” talvez por serem “mais estudadas”. Admite, porém, que eles têm preconceito “quando você não quer se integrar à cultura deles”. No seu caso, Magdalena assume que o fato de já ter algum conhecimento de inglês e de ter adquirido fluência na língua muito rapidamente (em seis meses) contribuiu para que ela se adaptasse mais facilmente ao novo país. Abrimos aqui um parêntese para falar, mesmo que de forma breve, sobre questões que envolvem a integração do migrante e o papel da língua nesse processo, já que tal tema (específico) é abordado por Magdalena.

Por integração, Bartram *et al.* (2014, p. 83) entendem “o processo por meio do qual imigrantes ganham filiação social e desenvolvem a capacidade de participar de instituições-chave no país de destino.”¹⁴ Isso implica uma série de indicadores, como, por exemplo, na esfera econômica, integrar o mercado de trabalho em igualdade de condições com os nativos e, na esfera política, participar (votar, fazer campanha etc.) em padrões similares ou equivalentes aos dos nativos. Os autores destacam, porém, que a competência linguística é a capacidade-chave para a integração. Não é diferente a posição de Bernardot (2019, p. 99), para quem o domínio da língua (falada e escrita) num país facilita enormemente a inserção profissional, os laços sociais e de amizade com pessoas da sociedade de acolhida e mesmo a mobilidade (por exemplo, a orientação no transporte público) e a escolaridade dos filhos (por exemplo, a comunicação com a escola). Trata-se, pois, de um fator primordial para a integração.

Nessa perspectiva, é possível constatar que os quatro entrevistados se dão conta, de forma mais (ou menos) explícita, de que dominar a língua (e, evidentemente, a cultura) do país de destino implica não apenas ser aceito ou, pelo menos, não ser excluído pelo outro (nativo) – como disse

¹⁴ Tradução livre de: “The process by which immigrants gain social membership and develop the ability to participate in key institutions in the destination country.”

Magdalena acima (ou como dirá Antônio mais adiante) –, mas também lidar com questões práticas do dia a dia. É o caso de Sofia, que chegou sem falar “nem um oi”, mas hoje consegue “desenvolver” sua vida porque aprendeu a se comunicar razoavelmente em francês.

Quanto a Antônio, o fato de a empresa onde trabalha ter, em sua maioria, funcionários portugueses (além de brasileiros) e prestar serviço para franceses, leva-o à seguinte comparação (tema específico): “os portugueses, eles são bem racistas [...] grande parte deles [...]. Agora com relação a francês, eu acho que, o pouco que eu convivo, o pouco que eu, né?, já trabalhei e encontrei, eu acho que é pouco, é bem menos que os portugueses”.

Mesmo se, na ótica de Antônio, os franceses são menos preconceituosos quando comparados aos portugueses, eles – na verdade, alguns deles, como Antônio faz questão de frisar – tratam, às vezes, a pessoa como se não fosse “digna [...] talvez por ser imigrante, por ser de fora, não sei”. O que mais chama a atenção, porém, ao longo de sua fala, é que ele, de certa forma, justifica o preconceito/a discriminação, seja quando o migrante não domina a língua do país de destino (no caso, o francês), seja quando ocupa postos no mercado de trabalho. Em suas palavras:

T18: Muitas das vezes, mesmo pra quem trabalha, no meu caso, em obra, esse negócio todo, é a questão de você estar se infiltrando no mercado de trabalho que, querendo ou não, não é só pra imigrante [...] diminui, né?, um pouco a mão de obra local. Então, eles, talvez alguns, não todos, mas alguns vê o imigrante como o que veio pra talvez diminuir a mão de obra local, entendeu? Às vezes eles acham, às vezes, tipo assim, por a gente tá imigrando, a gente trabalha com a mão de obra mais barata do que a mão de obra deles, então, a gente acaba, às vezes, tomando lugar [deles] [...] É como eu disse, eu acho que o francês é um pouco racista, né? [...] porque muitas das vezes nós podemos estipular que 99% dos imigrantes não falam a língua. Então, nem todo francês tem aquela paciência de entender que você está aqui sem falar a língua. E muitos, tipo assim, eu já ouvi isso várias vezes em obra, na qual a gente trabalha: “Poxa, como é que você está na França e não fala francês? Você tá na França tem que falar francês”. Então, isso aí, querendo ou não, eles estão dentro da casa deles, digamos assim,

né? e nós estamos na casa deles. Então, é uma questão que eu, particularmente, não tiro a total razão, entendeu?¹⁵

No que tange ao conteúdo de T18, destacamos dois aspectos: 1) no âmbito do vocabulário, a utilização de termos como *infiltrar-se*, *tomar o lugar (de)*, *estar dentro da casa deles (dos franceses)*; 2) o uso do discurso direto para reproduzir a fala de certos franceses (criando-se, com isso, um efeito de sentido de autenticidade): “Poxa, como é que você está na França e não fala francês? Você tá na França tem que falar francês”, em que se destaca a obrigatoriedade (expressa na modalidade deôntica *ter que*). É como se o migrante não tivesse o direito de estar ali, seja porque não domina a língua (e, portanto, deduz-se, não faz nenhum esforço para se integrar), seja porque ocupa um lugar que não é legitimamente seu.

No entanto, além de a integração ser uma questão complexa que, como vimos, envolve múltiplos fatores – não é por outra razão que muitos pesquisadores têm-se debruçado sobre as práticas e as políticas públicas, visando à efetiva integração de migrantes, como é o caso de Horta (2013) e Bernardot (2019) –, é preciso considerar que eles (os migrantes) contituem uma parcela importante da força de trabalho, assumindo, em geral, serviços pouco qualificados em setores mais carentes, ou seja, eles atuam mais em caráter complementar do que substitutivo à mão de obra nativa (PEIXOTO, 2013; BLANCHARD *et al.*, 2016).

Antônio admite, mais de uma vez ao longo de sua entrevista, que nunca foi alvo de preconceito ou de discriminação na França. Perguntamos, porém: será que, ao refletir longamente sobre o tema

¹⁵ Um aspecto importante que pode observado na fala de Antônio e que “salta aos olhos” particularmente nesse trecho (T18) é que ele usa, com frequência (muito mais do Flávia, Sofia ou Magdalena), elementos como *né?*, *entendeu?*, *digamos assim*, por meio dos quais ele busca estabelecer uma espécie de convivência com a entrevistadora para as opiniões que manifesta. Segundo Authier-Revuz (1990), uma glosa como “digamos” funciona como uma injunção que instaura explicitamente uma enunciação conjunta, com tonalidade de desculpa, para que aqueles que “codizem” se contentem com um termo não muito satisfatório. Isso vai de par com os “torneios” que Antônio adota na hora de caracterizar os franceses como preconceituosos: “eles, talvez alguns, não todos, mas alguns”; “às vezes eles acham”, “um pouco racistas”. É como se, por estar “na casa deles”, o migrante perdesse o direito de qualificá-los negativamente, no estilo “não cuspir no prato [em] que comeu”.

(específico) da presença dos migrantes no mercado de trabalho francês, ou fazer alusão a comentários preconceituosos ouvidos na obra (e que parecem ter sido dirigidos a outrem),¹⁶ Antônio não estaria, na verdade, falando de si, de sua experiência migratória, do fato de viver em situação irregular? Deixamos a questão em aberto para as considerações do(a) leitor(a) e passamos aos dois últimos planos da Semântica Global (MAINGUENEAU, 2005) que elegemos para o nosso dispositivo de análise: a dêixis enunciativa e o modo de enunciação.

Em linguística, o termo *dêixis* refere-se a palavras como “eu”, “aqui”, “agora” (ou seja, marcadores de pessoa, espaço e tempo) que só ganham sentido na situação de comunicação em que ocorrem. De forma mais ampla, cada discurso, em função do seu sistema de restrições semânticas, constrói uma determinada dêixis enunciativa espaciotemporal (e – acrescentamos – pessoal) para legitimar e autorizar sua enunciação (MAINGUENEAU, 2005, p. 93). Ora, conforme constatamos em outros trabalhos (LARA, 2018, 2019), as narrativas migratórias, em geral, constroem-se em dois grandes “momentos” espaciais/temporais: um *aqui-agora* no país estrangeiro e um *lá-então* no país natal, que, não raro, são confrontados quando se trata de justificar a migração e/ou a perspectiva (ou não) de um retorno. Como vimos, sobretudo no eixo temático 1, os relatos de nossos quatro entrevistados seguem essa “rotina”.

Já no que se refere à categoria de pessoa, falar em narrativa de vida implica, de imediato, considerar a predominância de um “eu” que (se) conta ao outro, como vimos na própria definição desse gênero de discurso. Isso pode ser facilmente constatado nos relatos de Flávia, Sofia, Magdalena e Antônio por meio dos excertos reproduzidos até aqui. Há, porém, outras semelhanças que julgamos oportuno destacar. Uma delas é o uso de **você** (genérico), ou seja, qualquer pessoa na mesma situação; outra é a utilização de **nós/a gente** (nós misto),¹⁷ referindo-se seja aos brasileiros, seja aos migrantes em geral (nós, brasileiros / nós,

¹⁶ Ao afirmar: “eu já ouvi isso várias vezes em obra, na qual a gente trabalha”, Antônio não deixa claro se o comentário estaria sendo dirigido a ele. Possivelmente, mas a forma como o enunciado foi construído não garante essa interpretação.

¹⁷ Segundo Fiorin (2003, p. 165), a 1ª pessoa do plural pode assumir os seguintes significados: nós inclusivo (eu + você(s)); nós exclusivo (eu + ele(s)) ou nós misto (eu + você(s) + ele(s)).

migrantes) e contrapondo-se ao **eles** – nativos. Seguem exemplos (os grifos são nossos):

- a) Então, quando *você* chega, *você* faz o que vier, porque primeiro *você* não fala bem o francês ou não fala nada, então, *você* tem que fazer o que tiver pra fazer, e contato, *você* tem poucos contatos. (Sofia);
- b) E é assim que *você* tem que fazer, senão *você* tem que ir embora e pronto. Ou *você* desiste e vai embora ou *você* persiste e continua. (Magdalena);
- c) *A gente* trabalha com a mão de obra mais barata do que a mão de obra *deles*, então *a gente* acaba, às vezes, tomando o lugar [deles]. (Antônio).

Uma peculiaridade de Flávia, que distingue sua narrativa das demais, é que ela, frequentemente, faz uso do nós/a gente exclusivo (eu + meu marido), possivelmente para destacar que eles compartilham decisões, dificuldades e conquistas tanto na opção de migrar quanto na vivência do cotidiano parisiense. Esse emprego do nós exclusivo, que pode ser constatado nos dois exemplos que seguem, não aparece nas demais entrevistas, nem mesmo na de Antônio, que também é casado e está com a família em Paris:

- d) E assim, o que *nos* trouxe mais aqui mesmo é o fato de que *a gente* no Brasil paga aluguel e *nós* queríamos juntar, trabalhar para juntar um dinheiro e comprar uma casa lá porque *nós* não queríamos comprar financiada. Então, *a gente* queria comprar à vista. Então, foi isso que *nos* trouxe aqui. (grifos nossos)
- e) *Nós* tínhamos uma marcenaria de móveis planejados. Então, assim, *a gente* não vivia tão mal. [...] Mas *nós* vamos chegar ao nosso foco e atingir *nossas* metas. (grifos nossos)

Finalmente, quando ao modo de enunciação, Mainguenu (2005, p. 94-97) considera que todo texto, seja ele oral ou escrito, está associado a uma “maneira de dizer” específica (recuperada por meio de índices como o tom, o ritmo, a escolha das palavras e dos argumentos etc.) que remete a uma “maneira de ser”. Assim, a leitura (ou escuta) faz emergir uma “origem enunciativa”, uma “instância subjetiva encarnada” que funciona como garantia (fiador) do que é dito. Em trabalhos posteriores (ver MAINGUENEAU, 2006, 2008, entre outros), o autor associará o

modo de enunciação à noção aristotélica de *éthos*, definida, grosso modo, como a imagem de si que o orador constrói no/pelo discurso.

Nas narrativas de vida de Sofia e de Antônio predomina um tom assertivo que remete a um *éthos* de confiança e determinação. Não se percebe, em seus relatos, um tom de lamúria ou de nostalgia, mesmo nos momentos em que eles abordam as dificuldades e obstáculos que enfrentaram – enfrentam ainda – no novo país, como mostram T19 e T20, a seguir. Em T20, temos, inclusive, um toque de humor, quando o sujeito, no caso Antônio, fala de seu estranhamento em relação ao clima parisiense:

T19: Eu vim na intenção de ficar dois anos mais ou menos, dois, três anos, fazer uma certa quantia de dinheiro e voltar pro Brasil, pra montar alguma coisa no Brasil. E acabou que eu fui ficando ano, ano após ano e estou há onze anos. Em relação à língua, eu nunca fiz um curso formal, aprendi no dia a dia mesmo e consigo resolver a minha vida toda. Não preciso de ninguém para fazer nada para mim. É isso. (Sofia)

T20: Olha, o clima, a dificuldade maior é o frio [risos] pra quem tá no Brasil, principalmente, na região a qual eu habitava no Brasil, que é uma região turística, uma região de praia, né?, então, assim, o clima é sempre quente, é sempre sol [...] e aqui você se depara com clima de zero, -2, -3, então, é bem difícil de você conseguir superar, né, eu conheço pessoas que não aguentou o frio, foi embora por conta do tempo, por conta do clima. Então, assim, é difícil, né, mas dá pra aguentar [risos]. (Antônio)

Já Flávia e Magdalena assumem ora um tom esperançoso, como em T21 e T22, ora um tom de tristeza e/ou desânimo, o que (re)lembra a precariedade em que se encontram nos respectivos países em termos de trabalho (fazem faxina em escritórios e casas de família, apesar de terem o ensino médio completo) e mesmo de vida (estão distantes de pessoas queridas, que ficaram no Brasil; não têm muitos amigos; não podem se movimentar livremente; experimentam sentimentos negativos como o medo e a preocupação por não terem autorização de permanência). Nesses momentos, é o *éthos* de fragilidade que sobressai, como ocorre em T23 e T24 – e também em outros trechos já citados como T9 (no caso de Flávia) e T13 (no caso de Magdalena):

T21: Mas assim a gente tá perseverante [risos] tá crendo que vai dar tudo certo, tamos tendo fé, acreditando que os nossos objetivos vão se concluírem, que nós vamos atingir, chegar ao nosso foco, que é o da compra da casa, como eu tinha dito antes e assim tamos esperando (Flávia).

T22: Na verdade eu descobri tem pouco tempo, que eu demorei um pouco pra descobrir, descobri quem eu sou, o que eu quero, aí meus planos agora, assim, eu quero juntar um dinheiro e tô fazendo uns cursos, porque, quando eu voltar, eu tenho alguma coisa pra fazer e vou me dar um prazo de seis meses a um ano pra adaptar. Se eu não adaptar, eu tento ir pra outro lugar, porque eu descobri que o mundo é muito grande, e eu posso fazer o que eu quiser. (Magdalena)

T23: A nossa pretensão aqui é um período de uns cinco, seis anos. A gente não quer ficar mais tempo do que isso aqui e nós queremos voltar no Brasil, até mesmo porque eu deixei meus filhos e a falta deles é [se emociona] muito grande e é muito difícil ficar longe e aqui a vida é muito complicada. [Tenho] dois filhos, uma menina de vinte e um anos, tá no Brasil, faz Faculdade de Pedagogia, e um menino de dezoito anos. [...] E aí a gente olha para trás e vê tudo que deixou, a saudade, a vontade aumenta de voltar, mas aí você pensa no futuro que lá no Brasil você não vai conseguir o que você pode conseguir aqui com seu trabalho. E é isso que é mais difícil para mim é a falta dos filhos. (Flávia)

T24: Porque aqui a vida da gente é trabalhar [...] e, no meu caso assim, eu não posso viajar. Então, eu não sinto assim muita qualidade de vida aqui. Eu já pensei [em regularizar minha situação], mas o jeito que eu posso fazer é casando, ou é pagando pra casar, que eu não concordo muito, ou é casando por interesse, que eu não concordo muito, ou é casando por amor, que não aconteceu até hoje. Então eu também não sei se é a vida que eu quero, se é aqui que eu quero continuar (Magdalena).

A análise feita nesta seção procurou mostrar, por meio dos quatro planos da Semântica Global mobilizados, como os locutores das narrativas de vida se representam (discursivamente), representam os outros, representam, enfim, a experiência migratória, assumindo ou silenciando o fato de estarem em situação irregular nos respectivos países.

Ora, se cada sujeito que generosamente concordou em partilhar sua história conosco (e com os possíveis leitores) é único e sua maneira de ver – e viver – a experiência migratória, singular, não podemos perder de vista certos aspectos que apontam para a construção de um discurso comum. Entre eles, podemos citar a motivação econômica como razão (principal ou secundária) para a migração, bem como as condições precárias de trabalho enfrentadas pelo migrante em situação irregular (temas); o uso do vocábulo *difícil* (e similares) para descrever a vida no novo país, sobretudo, nos momentos iniciais; a predominância de um “eu” que (se) conta ao outro (prevista, aliás, pelo próprio gênero de discurso implicado); o movimento entre um *aqui/agora* – no país de chegada – e um *lá/antes* – no país de partida –, que são frequentemente comparados em seus pontos positivos e negativos; a presença tanto de um éthos otimista e determinado, que se projeta, em geral, no futuro, quanto de um éthos fragilizado, que, não raro, leva o sujeito a querer desistir, ir embora. Dito isso, resta-nos concluir o percurso que empreendemos ao longo destas linhas.

6 Considerações finais

Retomamos aqui a pergunta inicial, que julgamos poder responder pelo menos parcialmente, já que os resultados apontados neste artigo referem-se apenas às narrativas de vida selecionadas, embora, a nosso ver, eles possam ser estendidos a muitas e muitas outras. Assim, o que leva alguns brasileiros a deixar seu país natal, onde, pelo menos em tese, gozam de plenos direitos como cidadãos, para viver à margem da lei num país estrangeiro?

Ora, ainda que migrar implique, como vimos, inevitáveis – e, muitas vezes, dolorosas – rupturas com as “raízes”, os sujeitos são motivados pela vontade de ter uma melhor qualidade de vida, pelo sonho – nem sempre alcançado – de poder juntar dinheiro para comprar um imóvel ou montar um negócio no Brasil, ou simplesmente pela necessidade de buscar alternativas, diante da falta de oportunidades no país natal. Por outro lado, eles se aventuram num país que desconhecem, com uma língua que nem sempre dominam, porque já têm parentes migrados, os quais lhes fornecem o apoio necessário, sobretudo no momento da chegada.

E, se esses sujeitos vivem à margem da lei, no sentido de que não dispõem de visto de permanência e/ou outros documentos necessários para regularizar sua situação, há que se levar em conta que eles constituem

uma importante força de trabalho nos países de acolhida, realizando, em geral, serviços rejeitados pelos nativos, porque vistos como menos qualificados. Além disso, como também são consumidores, ajudam a movimentar a economia dos países onde se encontram.

Desse modo, ainda que se submetam a extensas jornadas de trabalho, com salário, em geral, mais baixo do que o dos nativos e sem um contrato formal de trabalho (que lhes garantiria certos direitos), e vivenciem cotidianamente sentimentos negativos, como o medo e a preocupação – embora, como vimos, nem todos se sintam confortáveis para abordar essas questões de forma explícita, o que demanda da parte do(a) analista disposição e capacidade de ler nas entrelinhas –, alguns vão ficando: um ano, dois anos, doze anos... e acabam conseguindo uma certa estabilidade e mesmo se regularizando no país, o que afasta, de vez, a possibilidade de um retorno definitivo ao Brasil. É o caso de Sofia, que nos informou estar iniciando seu processo de legalização.

Outros, porém, retornam ao país de origem por variadas razões: alcançaram a meta de juntar dinheiro, não conseguiram se adaptar ou simplesmente são movidos por um novo desejo de mudança. Como diz Magdalena, ao finalizar sua entrevista, “[...] porque a minha vida sempre foi mudar, mudar, mudar, às vezes eu tenho essa coisa de querer uma estabilidade, mas ao mesmo tempo eu quero essa mobilidade, eu tenho essa coisa de continuar tentando outras coisas”.

As narrativas de vida aqui apresentadas (e as análises que sobre elas empreendemos) não deixam dúvidas de que ouvir o que os próprios sujeitos deslocados têm a dizer de si, dos outros, do mundo é uma forma de restituir-lhes a palavra – confiscada pelos números e/ou pelos “portavozes autorizados” – e fazê-la circular para além do espaço privado, onde ela se constitui e, não raro, permanece.

Referências

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

AUTHIER-REVUZ, J. La non-coïncidence interlocutive et ses reflets méta-énonciatifs. In: BERRENDONER, A.; PARRET, H. (éd.). *L'interaction communicative*. Berne; Frankfurt; N. Y.; Paris: Peter Lang, 1990. p. 173-193.

BARTRAM, D. *et al. Key Concepts in Migration*. London: Sage, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781473921061>

BERNARD, P. *Immigration: le défi mondial*. Paris: Gallimard, 2002.

BERNARDOT, M-J. *Étrangers, immigrés: (re)penser l'intégration*. Rennes: Presses de L'École des Hautes Études en Santé Publique, 2019.

BERTAUX, D. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2005.

BLANCHARD, P. *et al. Atlas des immigrations en France*. Paris: Autrement, 2016.

BUENO, A. M. Imigrantes japoneses e a língua portuguesa: um caso de preconceito linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 455-478, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.1.455-478>

CALABRESE, L; VENIARD, M. Mots, discours et migration, une relation dialectique. In: _____ (org.). *Penser les mots, dire la migration*. Bruxelles; Paris: Academia; L'Harmattan, 2018. p. 9-31.

CARVALHO, A. *Um estudo sociodiscursivo da temática do preconceito contra negros em sentenças de injúria racial*. 2020. 236f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

CASTRO, M. C. G.de *et al. Contexto migratório de retorno*. In: PEIXOTO, J. *et al. (org.). Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*. Lisboa: Mundos Sociais, 2015. p. 159-176.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (org.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan. 2007. [s.p.]. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CHARAUDEAU, P. Os imaginários de verdade do discurso político. In: _____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 185-245.

CLOCHARD, O. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. *EchoGéo*, [S.l.], v. 2, p. 1-8, 2007. Disponível em: <http://echogeo.revues.org/1696>. Acesso em: 30 set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.4000/echogeo.1696>

FIORIN, J. L. Pragmática. In: _____. (org.). *Introdução à linguística II*. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. p. 161-185

HORTA, A. P. B. A imigração em Portugal. Um contributo para o debate sobre as políticas e práticas de integração. In: FONSECA, M. L. et al. (org.). *Migrações na Europa e em Portugal*. Coimbra: Almedina, 2013. p. 227-250.

LAACHER, S. *Ce qu'immigrer veut dire*: idées reçues sur l'immigration. Paris: Le Cavalier Bleue, 2012.

LARA, G. M. P. A(s) voz(es) dos vulneráveis: narrativas de vida de imigrantes e refugiados à luz da análise do discurso. In: BARONAS, R. L. et al. (org.). *As ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis*. Campinas: Pontes, 2018. p. 145-166.

LARA, G. M. P. De “Ouvrons les portes” a “Em casa no Brasil”: olhares contemporâneos sobre a migração. *Gláuks*, Viçosa, v. 19, n. 1, p. 79-100, 2019. DOI: <https://doi.org/10.47677/gluks.v19i1.151>. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/issue/view/24/27>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MACHADO, I. L.; LESSA, C. H. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: JESUS, S. N.; SILVA, S. M. R. da (org.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João, 2013. p. 102-122.

MAINGUENEAU, D. *L'Analyse du discours*: introduction aux lectures de l'archive. Paris: Hachette, 1991.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília P. Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. Trad. Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p.11-29.

MARQUES, J. C.; GÓIS, P. Processos de integração dos imigrantes brasileiros na sociedade portuguesa. In: PEIXOTO, J. *et al.* (org.). *Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*. Lisboa: Mundos Sociais, 2015. p. 109-134.

MOREIRA, G. M. *Figures de migrants brésiliens en France: approche anthropologique et sociolinguistique*. 2018. 1495f. Thèse (Doctorat en Linguistique) – Université Paul Valéry – Montpellier III, Montpellier, 2018.

PEIXOTO, J. Imigração, emprego e mercado de trabalho em Portugal: os dilemas do crescimento e o impacto da recessão. In: FONSECA, M. L. *et al.* (org.). *Migrações na Europa e em Portugal*. Coimbra: Almedina, 2013. p.158-184.

PEIXOTO, J. *et al.* (org.). *Vagas atlânticas: migrações entre Brasil e Portugal no início do século XXI*. Lisboa: Mundos Sociais, 2015.